

1.º CICLO — SIGNO DO CONFLITO ENTRE A CONCEPÇÃO LIBERAL E A FUNCIONAL DE CURRÍCULO NA UFC

MARCONDES ROSA DE SOUSA,
Professor da Universidade Federal do Ceará

1. INTRODUÇÃO

Toda a história do 1º Ciclo na Universidade Federal do Ceará está marcada por transformações bruscas, em meio a um constante e cáldido clima de questionamento. Transformações formais, a maior parte delas; substantivas, algumas poucas. Questionamento, por vezes, em tom exacerbadamente emotivo.

Em sua evolução histórica, com efeito, o 1º Ciclo, na Universidade Federal do Ceará, foi-se plasmando uma figura de identidade contraditória, fruto das idéias tanto de quantos o defendiam, como postura nova de formação profissional superior, quanto dos que apenas o toleravam como imposição da lei '1º Ciclo' ou 'ciclo básico', na UFC, portanto, não é entidade de interpretação unívoca. Em cada ponto de sua diacronia, guarda feições diversas. E, ainda, cada feição a mostrar-se em dupla face: — uma teórica e outra prática, nem sempre em consonância. Preferível, portanto, partirmos da afirmação de que se trata de uma "idéia em permanente construção".

Desde 1972, venho acompanhando a construção dessa idéia. De princípio, visceralmente envolvido, como docente e coordenador geral. Há pouco mais de um ano, como um leitor à distância..

E é "à distância" que aqui gostaria de me situar, nessa breve "leitura" que tem mais o tom de depoimento impressionista do que de uma análise fria e com conotações tecnicistas das análises que, em geral, se exigem com dados, tabelas, gráficos e quejandos.

Mesmo "leitura" que se pretende "à distância", contudo, não poderá ela deixar de refletir o viés das convicções e idiosincrasias de quem a faz — é conveniente alertar. . . .

2. OSCILAÇÃO ENTRE A TENDÊNCIA GENERALIZANTE E A ESPECIALIZANTE NA DIACRONIA DO 1º CICLO

Quase dez anos após implantado, o 1º Ciclo, na Universidade Federal do Ceará, não foi, até hoje, objeto de estudos mais profundos no sentido de se averiguar sua repercussão em termos de aprendizagem pelos alunos que por ele passaram. Parece paradoxal mas, a par desse fato, um sem-número de transformações sofreu ele, todas elas com base em uma suposta reconhecida "evidência" de sua inocuidade no quadro geral da graduação.

Ao longo de toda uma década, com efeito, vem-se a discutir 1º Ciclo, na UFC. A meu ver, apenas na aparência é que se discute 1º Ciclo. Na realidade, o alvo real de toda essa discussão, em essência, não é o 1º Ciclo mas uma estrutura de maior abrangência e amplitude: — a Reforma Universitária. Ciclo Básico tem sido o pretexto, já que um mero signo por trás do qual se transveste todo o conjunto de inovações que surgiu na universidade brasileira a partir dos anos 70.

De fato, na UFC, 1º Ciclo é figura que nos chegou com a Reforma. Surgiu ao mesmo tempo em que, sob o signo reformista, destruíam-se faculdades, escolas e institutos — que cediam lugar aos departamentos e às unidades mais amplas,

num violento quebrar de tradição e de... estrutura de poder, na Universidade. Nesse contexto, o Ciclo Básico chamou para si as antipatias todas que se endereçavam às figuras outras componentes do geral quadro surgido com a Reforma.

Constituía-se ele o passo primeiro de transição entre uma concepção liberal e outra funcional de universidade e currículo, que se impunha sem a consulta à comunidade universitária sobre se representava ou não uma resposta às expectativas de quantos se envolviam com as Instituições de Ensino Superior. Natural, então, que se tornasse realidade indesejada, por mais sedutoras que lhe fossem as intenções. Sintoma da Reforma, imediatamente foi encarado incômodo e incomodante, culminando por se ir, aos poucos, tornando idéia reputada utópica, fatalmente encontrando entraves mil na passagem de sua idealização à realização.

Na UFC, um índice de rejeição à idéia de 1º Ciclo, em sua implantação, foi a atmosfera encontrada: — sem condições mínimas, instalava-se, em 1972, o 1º Ciclo, sem preparação prévia, em prédio distante e isolado do restante da vida acadêmica, com um corpo de professores arrebanhados às pressas, dias antes de se iniciarem as primeiras aulas, e entregues à própria sorte. À época, grassava um consenso: — ensinar no Básico, para os professores da Universidade, equivalia a um castigo ou *capitis diminutio de status*...

Sem filosofia explícita ou implícita, instalava-se o 1º Ciclo, na UFC. Aos alunos, impunha-se um currículo único, desenvolvido por uma plêiade docente sem o mínimo preparo (em conteúdo e pedagogia) para a realização da idéia que se escondia nas entrelinhas dos documentos ou, quando muito, ensaiava-se, ambígua, nos escritos de seus idealizadores.

Não poderia o 1º Ciclo, a essa época, aspirar mais do que a ser um cursinho preparador para o vestibular. Por isso, nessa fase, teve de colocar a sua maior ênfase em sua tarefa recuperativa, para o grande desestímulo dos alunos, que não sentiam o impacto da transição entre o 2º e o 3º graus. A grita dos alunos e a frustração dos professores tornou-se geral.

Um semestre e a experiência estava já a exigir reforma. E a reforma veio. Veio formal apenas, incidente sobre o plano curricular, que tentava restaurar a situação anterior à Reforma, mantendo, porém, no que respeita aos males de substância, a mesma situação.

Talvez fosse de se esperar que a mudança, que se propunha a corrigir distorções, procurasse orientar-se em perseguir a idéia que, então, era posta como 1º Ciclo. Isso, porém, não ocorreu. Ao invés de delinear ela um currículo de caráter fundamentalizante e genérico, optou, ao contrário, pelo retorno à situação anterior à Reforma, estruturando um 1º Ciclo com 42 disciplinas, o que equivalia quase a um currículo para cada curso.

Pouco tempo duraria a nova experiência. Tratava-se, em verdade, dos currículos tradicionais camuflados em 1º Ciclo e (o que era pior) sem as condições dos tempos das faculdades, escolas e institutos. Logo, o Conselho Federal de Educação se pronunciaria não reconhecendo tal estrutura como... 1º Ciclo.

Veio, então, uma tentativa de síntese: — um currículo dividido em duas áreas (ciências e humanidades). Não obstante essa série de mudanças formais, persistiam as insatisfações e 1º Ciclo era tema freqüente de questionamento. Mais e mais, era preciso mudar. E no que mudar foram-se delineando duas posições bem firmes e persistentes. Havia quem queria mudar a partir do formal, optando pela eliminação ou redução ao mínimo do 1º Ciclo; havia, em contrapartida, os que prognosticavam mudanças de maior substância, colocando entre parêntese as meras alterações de plano curricular.

Inicialmente, deu-se crédito aos partidários da mudança a partir da substância. Entre os que se ocupavam de 1º Ciclo, foi-se gerando um questionamento constante em busca de uma teoria e um modelo de graduação que oferecesse parâmetros para uma possível configuração e identificação do 1º Ciclo. A graduação — era a teoria — teria por tarefa a formação de profissionais generalistas. E tal formação se agenciaria suportada por um tipo de currículo que, partindo de uma base gene-

realizante, fundamentalizante e interdisciplinar, iria, gradativamente, à feição de uma pirâmide, penetrando em espaços crescentes de especialização. Nessa pirâmide, a base estaria representada pelo 1º Ciclo.

A idéia 1º Ciclo foi crescendo e tomando corpo na prática. Tomou dimensão de um projeto e, por alguns anos, apoiando-se nos parâmetros do Projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior (PADES/CAPES), foi-se desenvolvendo, incluindo, simultaneamente, uma capacitação docente, instrucional e organizacional, à luz da teoria e do modelo propostos. Redimensionaram-se as funções de 1º Ciclo, que amenizou o afã recuperativo e acentuou seu caráter embasativo. E 1º Ciclo, em seu todo, passou a ser um processo de ativação da capacidade discente de *perceber, pensar e comunicar*, procurando desenvolver, nos alunos, uma visão do Homem, de seu espaço vital (natureza e sociedade) bem como dos mecanismos de comunicação desse homem com seu espaço vital (isto é, as linguagens).

Conquanto não se tenha, de maneira formal, avaliado o processo de aprendizagem dos alunos nessa fase, foi sensível o desenvolvimento da capacidade de percepção, raciocínio e comunicação dos estudantes. No entanto, um outro problema se evidenciou: o 1º Ciclo orientava-se numa direção enquanto os ciclos profissionais, em outra. Fundamentalmente, acutizou-se o conflito de concepções até aí velado e crônico. Reclamavam os professores do 1º Ciclo que eram esforço vão posturas mais funcionais, que apenas tornavam o ensino do 1º Ciclo intrinsecamente bom, mas sem efeito nos Ciclos Profissionais, nos quais estavam iminentes posturas de caráter tradicional e liberal. Insurgiam-se os docentes envolvidos com o Ciclo Profissional contra o ensino do 1º Ciclo, que, na opinião deles, era "embasamento inútil", já que sem condições de operacionalização no Ciclo Profissionalizante.

Daí, por parte dos próprios professores que defendiam o 1º Ciclo, foi crescendo o pensamento de que pensar 1º Ciclo só alcança sentido no contexto global da graduação. E novamente volta a questão da mudança. Os mais ligados ao 1º

Ciclo exigindo a definição de parâmetros gerais para a construção de um modelo de graduação; os demais, a exigir-se como pressuposto para a discussão da reforma curricular dos cursos de graduação, a eliminação ou a redução do 1º Ciclo. Só assim (era o argumento) haveria espaços curriculares para que se processem às mudanças.

E terminou por vir mais uma reforma formal. O 1º Ciclo se reduziu a um semestre. Suas duas áreas partiram-se em nove, agrupando-se os cursos sob o critério de uma suposta "afinidade", cujo conceito não se explicita e é de difícil apreensão.

Por baixo dessa seqüência de alterações formais de currículo infere-se um evidente jogo dialético, que oscila entre uma tendência ao embasamento generalizante, de um lado, e ao especializante de outro, na diacronia do 1º Ciclo da Universidade Federal do Ceará. São duas concepções em conflito a se digladiar por toda uma década. A cada movimento do jogo, porém, decresce a idéia da generalização, avultando-se o retorno a compromissos com a concepção tradicional. Uma sinopse de tais mudanças tornaria mais clara essa afirmação:

- a. Cria-se um 1º Ciclo comum a toda a Universidade, com um quadro curricular único (tendência generalizante);
- b. Em antítese, retoma-se o modelo anterior à Reforma, com um suposto 1º Ciclo específico a cada curso (tendência especializante);
- c. Antiteticamente, retoma-se o modelo generalizante (numa que como síntese, porém), com a construção de um 1º Ciclo dividido em duas grandes áreas;
- d. Em antítese, constrói-se um 1º Ciclo retalhado em nove grupos de cursos afins (tendência especializante).

3 — PERSPECTIVAS PARA O 1º CICLO NA UFC

Da diacronia do 1º Ciclo na UFC, uma conclusão se tira: a tendência do 1º Ciclo é morrer. Com certeza, desaparecerá.

Nessa Instituição o compromisso com a tradição é mais forte que os impulsos renovadores.

Ao longo de sua história, no entanto, cumpriu ele um papel renovador. Conquanto, por muito tempo, tenha atraído para si a pecha de bode expiatório de todos os males da graduação conseguiu, como permanente o intenso laboratório de ensino, lançar posturas novas em toda a Universidade. Por outro lado, colocou a nu a inocuidade do ensino de 1º e 2º graus, forçando a Universidade a assumir compromissos maiores no sentido de definir sua contribuição para o processo de melhoria do ensino de 1º e 2º graus cearenses.

Nos anos '80, pois, o 1º Ciclo, na UFC, foi teatro de operações no guerrear intenso entre os que negavam à Reforma e os que consideravam esta uma realidade, devendo, portanto, ser assimilada em algo. Por isso, pagou o 1º Ciclo atraindo para si todos os ódios dirigidos à Reforma.

No início destes anos '80, prenunciam-se já atitudes de retorno aos tempos ante-Reforma. Na Universidade Federal do Ceará, há muitos que estão a pregar o retorno à estruturação administrativa em faculdades, escolas e institutos, unidades organizadas sob o critério da afinidade curricular, em oposição aos departamentos e centros, entidades supostamente integrativas das atividades acadêmicas, responsáveis porém pela fragmentação dos currículos. Há, contudo, os que não chegam a tanto: preconizam a contenção da exacerbação departamental pela vitalização das "coordenações de curso", entidades que se configurariam sob o critério da afinidade curricular. 1º Ciclo decai para segundo plano e cede seu lugar de destaque, nas discussões, à preocupação com os cursos de graduação.

Ao pensar os cursos de graduação, porém, estão chegando os professores à conclusão de que não é possível reformarem-se os currículos sem a definição de parâmetros prévios e que tais parâmetros têm seus fundamentos no perfil do profissional que se quer formar. E que perfil seria esse? A própria Universidade não sabe. E não o saberá (todos concordam) enquanto não se abrir, em diálogo, com a Comunidade, única capaz de lhe fornecer tais dados.

No momento, dedica-se a Universidade, esquecida de suas preocupações com 1º Ciclo, a essa tarefa ingente de, com a colaboração dos diversos segmentos da Comunidade, delinear o perfil do profissional desejável para a Região nordestina. Com base em tal perfil, terá condições de construir a matriz que desenhará o modelo curricular da graduação. Tudo nos leva a crer que, de tal tarefa, uma evidência se imporá: o profissional que a Região nordestina está a exigir terá de ser um generalista. E talvez, nesse processo, chegará a Universidade Federal do Ceará à conclusão de que, na formação de seus graduados, deva-se abrir espaço para a formação fundamentalizante e geral, única capaz de uma formação durável e de menor fungibilidade.

Ironicamente (é meu pensamento) negando, reduzindo ou eliminando o 1º Ciclo, é que a Universidade Federal do Ceará terminará por encontrá-lo. Mas dessa vez não como o produto de uma imposição legal não assumida, mas resultante de um processo de maturação de seu questionamento.

4 — CONCLUSÃO

Dissemos que o 1º Ciclo, na UFC, entendeu-se como um signo da Reforma. Na verdade, foi mais que isso, já que se constitui um estopim que desencadeou discussões sobre a formação dos profissionais em nível superior, a universidade e o próprio sistema educacional.

Em todas essas discussões imanentizam-se, antitéticas mas não contraditórias, duas posturas de universidade: a) uma universidade reprodutora do conhecimento; b) uma universidade instauradora.

Os que acusam o 1º Ciclo fazem-no na crença de que a uma universidade cabe transmitir conhecimentos. Formar um profissional, portanto, seria instrumentá-lo de técnicas para um exercício capaz na sociedade. Os que o defendem propõem um profissional de capacidade durável, consciente de que lhe cabe um papel instaurador na sociedade onde ele irá atuar.

Os anos '70, no plano semântico, procuraram sintetizar essas duas posturas. E o Primeiro Ciclo foi o signo primeiro dessa mensagem. O contexto em que se mergulharam as universidades, contudo, não permitiu que a práxis assimilasse a abstratidade da semântica. Na prática coexistiam, separadas, (uma no Básico e outra no Ciclo Profissional) as duas posturas. É que educar, na década '70, correspondia a formar "capital humano". E *capital humano* equivalia a *know-how*. Não era possível, numa atmosfera gerencial em que estavam imersas as universidades, emprestar-se a *capital humano* inferências de *criatividade*, de *pensar* e de *crítica*...

Nos anos '80, já se entende educar numa dimensão triplíce: basicamente capital político e social e, secundariamente, capital econômico.

Educar seria investir na formação do cidadão, em sua inteligência e potencialidades criativas para que ele possa viver em sociedade (capital político) e, em vivendo nela, contribua para a redução de suas desigualdades (capital social) através do emprego da ciência, da cultura e da técnica (capital econômico).

Já se inicia um clima que permite integrarem-se as visões reprodutora e Instauradora de conhecimento por parte da universidade. Dessa forma, as perspectivas de "capacidade" e "consciência", que se crêem imanentes em dois perfis de profissional em nível superior, também podem coabitar. Em consequência, as concepções *liberal* e *funcional* de currículo podem-se incorporar uma a outra. E 1º Ciclo e Ciclo Profissional podem-se juntar numa só teoria e modelo curricular da graduação.

Se essa visão integrada é realidade no plano semântico, infelizmente ainda não o é em termos de prática universitária.

Na Universidade Federal do Ceará, que, há dois anos, vem pondo em prática os princípios de planejamento participativo, essas duas concepções, antes de atingirem uma síntese, ainda estarão em confronto por algum tempo. O resultado desse confronto será, com certeza, um redimensionar de

sua graduação e da própria Universidade. Aí então talvez surja um 1º Ciclo redimensionado.

Desse 1º Ciclo, algumas características já se delineiam. Em primeiro lugar, não será um segmento estanque em relação ao currículo global dos cursos. Perseguir-se-á uma integração maior entre a formação básica e a profissionalizante. O *pensar* não será mais um verbo intransitivo. Será *pensar*, mas tendo por objeto as realidades substrato de cada campo profissional. Haverá (é o que se espera) uma física. Mas uma física cujos princípios se aplicarão, diferentemente, em realidades que se encontram no espaço de cada campo profissional. Também não será uma física aplicada. Será ciência básica lidando com realidades mais próximas ao interesse dos estudantes. Antes do 1º Ciclo tal como está, a formação básica, nos cursos, era ministrada por professores sensíveis ao *para quê* profissional (já que integrados às escolas profissionalizantes), insensíveis, muita vez, ao conteúdo (já que não especialistas). Hoje, no 1º Ciclo, é ministrada, ao contrário, por professores especialistas no *que* mas, ao mais das vezes, insensíveis ao *para quê*. A síntese que se procura, num longo trabalho de integração interdisciplinar, é a aproximação do *que* e o *para quê* na formação básica. O 1º Ciclo ideal seria o ministrado por professores com tal ótica dual.

Talvez desapareça a característica da linearidade na concepção do currículo de graduação. Melhor dizendo, a relação de anterioridade e posterioridade entre 1º Ciclo e Ciclo Profissional — um 1º Ciclo como um degrau anterior ao restante da graduação. A simultaneidade talvez seja um elemento a mais para a resolução do problema crônico da falada falta de integração entre os dois ciclos.

Por outro lado, com o esforço que atualmente se está fazendo no sentido de elevar os padrões de ensino da escola de 1º e 2º graus, o 1º Ciclo futuro perderá sua função vicária de recuperação das insuficiências de tal nível de ensino. Aí então poderá dedicar-se ao trabalho de um real embasamento em referência à graduação.

E, sobretudo, se conseguir ser encarado sob uma perspectiva de *processo de conhecer transmissivo*, não lhe importará que disciplinas lhe componha o currículo. Será, muito mais, o desenvolvimento de uma consciência epistemológica que o quadro curricular de um conjunto de técnicas instrumentais para uma suposta e inócua recuperação das insuficiências de aprendizagem anterior. Então, as ciências básicas, vistas mais como processo de conhecer do que como um conjunto de informações, encontrarão seu verdadeiro e útil espaço.

5 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUSA, Marcondes Rosa de — **Para uma teoria e modelo de organização curricular de 1.º Ciclo**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1981 (Coleção Documentos Universitários, 2).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ — **Ciências básicas no currículo de graduação**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1981 (Coleção Documentos Universitários, 1).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ — **A idéia 1.º Ciclo nas Universidades do Norte e Nordeste**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1981 (Coleção Documentos Universitários, 6).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ — **Seminário Geral — tentativa de administração solidária**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1981 (Coleção Documentos Universitários, 3).